

**DO ESTIGMA AO ESTILO: RELAÇÕES DIALÓGICAS  
EM DISCURSOS SOBRE O “LOIRO PIVETE”**

*Caique Medeiros da Silva* (UERN)

[prof.caiquemedeiros@gmail.com](mailto:prof.caiquemedeiros@gmail.com)

*Shemilla Rossana de Oliveira Paiva* (UERN)

[shemillarossana@gmail.com](mailto:shemillarossana@gmail.com)

*Wesley Hericles Almeida Lopes* (UERN)

[wesley.almeida.lopes@hotmail.com](mailto:wesley.almeida.lopes@hotmail.com)

*Francisco Vieira da Silva* (UFERSA e UERN)

[francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br)

**RESUMO**

Neste estudo, objetiva-se analisar as relações dialógicas em três materialidades jornalísticas, que constroem significações para o “loiro pivete”, prática de descoloração de cabelos masculinos, inicialmente comum em comunidades periféricas do Rio de Janeiro, e posteriormente, absorvida como um estilo, por outras camadas sociais. Para tanto, parte-se das abordagens desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo a respeito da linguagem, do dialogismo, do enunciado e dos gêneros discursivos. Sobre a metodologia, trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa de abordagem qualitativa. A análise das materialidades jornalísticas permitiu observar o funcionamento das relações dialógicas em torno da prática do “loiro pivete”, especialmente a recorrência de já-ditos sobre a incorporação de hábitos e traços das comunidades periféricas pelas classes sociais privilegiadas, do racismo estrutural e de diferentes modos de enunciar sobre um mesmo tema, a partir de gêneros discursivos distintos.

**Palavras-chave:**

Discurso. Gênero discursivo. Relações dialógicas.

**ABSTRACT**

**Abstract:** In this study, the objective is to analyze the dialogical relationships in three journalistic materialities, which build meanings for the “blond pivete”, the practice of bleaching male hair, an initially common in peripheral communities in Rio de Janeiro and, later, absorbed as a style by other social strata. For that, it starts from the approaches developed by Bakhtin and the Circle regarding language, dialogism, enunciation and discursive genres. Regarding the methodology, it is a descriptive-interpretive research with qualitative approach. The analysis of journalistic materialities allowed observing the operation of dialogical relations around the practice of “blond pivete”, especially a recurrence of what has already been said about an incorporation of habits and traits of peripheral communities by privileged social classes, structural racism and different ways of enunciation on the same theme, from different discursive genres.

**Keywords:**

Discourse. Dialogical relations. Discursive genre.

### **1. Introdução**

A concepção de linguagem que deriva dos postulados teóricos de Bakhtin e do Círculo, conforme a leitura de Brait (1997), supõe uma preocupação com a dimensão histórico-ideológica, a insistência de numa reflexão interdiscursiva, social e interativa da palavra e do enunciado, a premência em ofertar elementos para o exame de gêneros discursivos e o dialogismo como condição intrínseca da linguagem. Nesse sentido, pensamos, a partir desse horizonte investigativo, que o sujeito sempre fala para um outro, seja real ou presumido, e que a intersubjetividade representa uma condição *sine qua non* para as interações sociais.

Nessa multiplicidade de vozes, situamos o objeto que nos interessa aqui: o “loiro pivete”. Em linhas gerais, trata-se de uma forma pejorativa usada para designar a descoloração de cabelos, feita por jovens, mormente negros, moradores de bairros periféricos. Comum desde os anos de 1990, popularizada inclusive por grupos de pagode e jogadores de futebol, a descoloração funciona como um índice ideológico de corpos marginalizados e, no limite, tidos como “pivetes”, como infratores e delinquentes. A transição dessa estética platinada para sujeitos de outros espaços urbanos, especialmente de bairros de classe média alta, faz-nos pensar como uma mesma prática, a descoloração dos cabelos, pode produzir diferentes significações a partir dos corpos que ostentam tal estética. Partindo dessas ponderações iniciais, o objetivo deste escrito consiste em analisar as relações dialógicas em três materialidades jornalísticas que enunciam sobre “o loiro pivete”, no intento de observar que já ditos são mobilizados e como o locutor do texto constrói o um dado posicionamento acerca desse tema, levando em conta as diversas vozes que são demandadas.

Consideramos, na esteira de Brait (2005), que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação social e concreta, num momento e lugar específicos. Na voz de Bakhtin (2015, p. 292-3), “(...) Aqui não apenas o homem se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, repetimos, não só para os outros, mas também para si mesmo. Ser significa comunicar-se pelo diálogo”. Na concepção de Faraco (2017, p. 55), tem-se uma linguagem heteroglóssica, porque é formada “por um conjunto de vozes ou línguas sociais (e mais ainda importante para ele [Bakhtin]), o contínuo processo de encontros, desencontros, de aceitação, de recusa, de absorção e transmutação das vozes sociais”.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

As três materialidades jornalísticas foram retiradas de diferentes *sites* e apresentam formatos distintos, a saber: a) a primeira foi publicada no *site* Uol, na seção TAB<sup>22</sup>, marcada por tratar acerca de questões relativas a comportamento e temáticas sociais diversas, a partir de um trabalho metódico de pesquisa e de um projeto gráfico-estético; b) a segunda circulou no *site* do G1 da Bahia<sup>23</sup> e, *a priori*, enquadra-se no gênero notícia; c) a terceira foi selecionada no *site* Mundo negro<sup>24</sup>, alocada numa seção que não possui uma classificação genérica explícita, mas alguns traços linguístico-discursivos levam-nos a características do gênero artigo de opinião. Ainda que tratem de uma mesma problemática, as materialidades jornalísticas apresentam estruturas composicionais e estilos mais ou menos distintos, o que nos levará a compreender os diferentes graus de expressividade e valoração do sujeito locutor em relação aos enunciados produzidos. Sobre isso, Sobral e Giacomelli (2016) defendem que não recebemos palavras neutras da língua, senão signos advindos de pessoas reais, as quais revelam uma avaliação do que é dito.

### **2. Sobre alguns conceitos de Bakhtin e do Círculo**

O mundo, em todos os seus sentidos produzidos e representações operadas, concretiza-se através de enunciados. Na ótica de Bakhtin (2016), a língua transmuta a condição de sistema quando se materializa em enunciados que lhe conferem posições, propósitos, intenções, motivos, aspirações, prescrições, concordâncias e embates. Esses enunciados nunca se dão na neutralidade absoluta. Noutras palavras, sejam eles orais ou escritos, legitimados como em ideologias oficiais ou do cotidiano, partem necessariamente de um locutor que fala de um campo específico. Tais enunciados ocorrem numa rede e constituem atitudes responsivas a vozes anteriores. Disso resulta a natureza essencialmente dialógica do enunciado que não se limita a uma conversação espontânea, mas se amplia para abarcar outras possibilidades de interação. Conforme pontua Volóchinov (2017, p.2019), “(...) o diálogo pode ser compreendido de

<sup>22</sup> Disponível em: <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/loiro-pivete.htm>. Acesso em: 26 jan. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/09/loiro-pivete-tendencia-do-verao-nas-periferias-jovens-procuram-barbearias-para-deixar-cabelo-platinado.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/o-loiro-pivete-amam-a-cultura-preta-mas-odeiam-gente-preta/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

modo mais amplo não apenas como a comunicação direta entre pessoas face a face, mas qualquer comunicação de todo o tipo”.

A face irrepetível de um enunciado pode parecer pouco possível quando pensamos em formas de comunicação contemporâneas cada vez mais massificadas e desprendidas das categorias de tempo e espaço. Desse modo, parece óbvia a ideia de que uma mesma *live*, um mesmo capítulo de novela ou uma específica canção sejam os mesmos a cada vez que se aperte o botão de repetir. Quem está assistindo aquele conteúdo? Por quais razões? Buscando o que? Quais questões aquele conteúdo suscitou numa época e já não na outra? Quais enunciados anteriores cada interlocutor mobiliza? Esses são alguns exemplos de questões que só são possíveis de serem colocados, se partirmos da visão bakhtiniana de enunciado.

Ainda que seja salutar deixar claro o ineditismo de cada enunciado, é também igualmente crucial destacar que “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos gênero do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 12). É essa relativa estabilidade nas formas de aparição dos enunciados que possibilitou o surgimento e manutenção de esferas, como a jurídica, a acadêmica, a midiática, a religiosa, a política, dentre outras. São as regras, os termos, as normas e tantos elementos já estabelecidos que revestem as formas de ser e estar dessas atividades humanas. Assim sendo, é possível entender que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). (BAKHTIN, 2016, p. 12)

Dada, então, a heterogeneidade dos gêneros do discurso, elegemos aqui gêneros de esfera jornalística. O título do texto, o *site* no qual está hospedado, a problemática que aborda e as referências que expõe são pontos a serem analisados pela ótica da noção de gênero do discurso para Bakhtin, noção esta que se sustenta nos elementos da língua, do discurso, do texto, do dialogismo e do sujeito.

Faremos, neste trabalho, alguns apontamentos sobre a noção de gêneros do discurso na visão bakhtiniana, a saber, os enunciados e seus tipos relativamente estáveis, destacando o aparecimento destes nos textos que aqui serão analisados. Este escrito será guiado pelo entendimento de

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que “(...) os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20). As posições assumidas e defendidas no texto a ser analisado e a forma como foram lá inseridas serão elementos importantes para discutirmos a natureza do enunciado, uma vez que

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2016, p. 16)

Para Bakhtin (2016), algumas esferas, como a jornalística, formam-se especialmente por gêneros secundários (complexo), pois apresenta uma organização mais específica e de regras menos flexíveis no que tange ao processo de produção e disseminação. No entanto, os gêneros secundários, ao se formarem “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2016, p. 15). Os gêneros primários (simples) transformam-se em secundários (complexos) quando se integram, e é neste momento que perdem seu vínculo imediato com a realidade concreta.

Bakhtin opõe-se frontalmente ao entendimento da linguagem como advinda de um falante sem relação com outros participantes da comunicação discursiva, isso porque

[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2016, p. 15)

A resposta sempre ocorre, seja no mesmo tempo e espaço da comunicação inicial ou não, seja com o mesmo grau de envolvimento subjetivo ou não, tendo em vista que a alteridade é constitutiva. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 379), “(...) todas as palavras (enunciados, produções do discurso e literárias) são palavras do outro”. Imaginemos, por exemplo, os telespectadores de uma telenovela, é possível imaginar que o grau responsivo deles inexista, no entanto, os índices de audiência daquela novela, as pesquisas de sondagem, os números de vendas de produtos que aparecem no *merchandising* feito dentro desse produto televisivo ou mesmo no horário comercial entre um bloco e outro constituem elementos dialógicos entre a esfera de produção da novela e seus telespectadores. Todo falante já é também um respondente na medida em que não emite enunciados sem que retome outros já ditos.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Se a oração é a unidade da língua, o enunciado é a unidade da comunicação. Os ecos estão em todo o elo da cadeia de enunciados, num ininterrupto processo de retomada, de usos e apropriações. Nesses ecos, encontram-se os gêneros (e a justificativa para a escolha de um e não de outro!) e as esferas da comunicação discursiva.

À diferença dos enunciados (e dos gêneros do discurso), as unidades significativas da língua – a palavra e a oração por sua própria natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento - não são de ninguém a ninguém se referem. Ademais, em si mesmas carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. Se uma palavra isolada ou uma oração está endereçada, direcionada, temos diante de nós um enunciado acabado, constituído de uma palavra ou de uma oração, e o direcionamento pertence não a elas como unidades da língua, mas ao enunciado. Envolvida pelo contexto, a oração só se incorpora ao direcionamento através de um enunciado pleno como sua parte constituinte (elemento). (BAKHTIN, 2016, p. 68)

Toda a carga de expressividade que uma palavra carrega não repousa na oração enquanto unidade linguística, mas no espectro do enunciado que se esboça. Isso se explica pelo fato de que “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica que lhe é inerente” (BAKHTIN, 2016, p. 52). Orações por si mesmas perdem os rastros de direção, de intuídos, de propósitos, de adequações aos pretensos receptores. Perdem, enfim, as deixas responsivas e dialógicas. Conforme Sobral e Giacomelli (2016), o enunciado apresenta três componentes, quais sejam: a) referencial – está ligado ao fato de o enunciado fazer referência a algo do mundo; b) expressivo – diz respeito à carga valorativa e à expressividade empregada pelo locutor na construção do enunciado; c) endereçabilidade – liga-se ao caráter interativo do enunciado, pois ele é endereçado a um interlocutor. Esse último componente é reforçado por Bakhtin, quando defende:

[...] a quem se destina o enunciado, como o falante o (ou quem escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e influência deles no enunciado – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 301)

Conforme Brait (2016), a análise do enunciado concreto necessita ser focalizada a partir de elementos que denotam uma dada singularidade, a saber: a) a carga de valores que imprime uma dada posição, emoldurada por discursos sociais e culturais, configurando, assim, uma arena discursiva; b) a autoria concebida como uma instância individual ou coletiva e materializada por meio de uma posição enunciativa; c) o destina-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tário, agente que atua na construção de sentidos, através dos “encontros” criados pelo texto; d) as relações dialógicas que perpassam a concepção de linguagem e, como extensão, fazem-se presentes em todo e qualquer enunciado, sendo recuperadas na interação social.

Ao tratar de gênero do discurso, outros conceitos abordados por Bakhtin são relevantes para a discussão, como: língua, texto, discurso, ideologia, além do próprio enunciado. A percepção desses conceitos parte do uso real da língua, ou seja, das interações cotidianas de comunicação. Assim, nota-se que a construção do discurso parte da língua e do texto. Para tanto, Rodrigues defende que,

Uma primeira observação é a de que a abordagem do autor concretiza-se pelo ângulo sócio histórico, articulando as dimensões histórica e normativa dos gêneros e enfatizando a sua relativa estabilidade (a relação entre o dado e o novo). Uma segunda, decorrente da primeira [...] é a de que o seu conceito de gênero não se limita àquelas formas de discurso social que alcançaram uma determinada valoração ideológica (aquelas que são objeto de estudo da Poética e da Retórica), justamente porque concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso materializa-se na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros. (RODRIGUES, 2004, p. 423)

Os gêneros materializam-se no enunciado concreto da língua, com isso, toda forma de comunicação vem alicerçada na interlocução entre enunciadador e enunciado. Para tanto, em uma perspectiva mais interacionista, o discurso assume várias esferas sociais e diferentes situações de comunicação, como em uma situação real de diálogo entre dois sujeitos do discurso, cada enunciado proferido possuirá uma posição do falante para a dada situação comunicativa, assumindo uma posição responsiva.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2016, p. 29)

Desse modo, por não haver uma teoria mais profunda sobre enunciado, no sentido da comunicação discursiva, é comum a confusão entre oração e enunciado, pois, os elementos presentes na análise podem ser percebidos por ambas as abordagens, tanto no nível da língua, como no do enunciado. Assim sendo, ao pensar os textos jornalísticos, pressu-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

põem-se elementos que devem estar presentes dentro daquele dado contexto de produção. Para tanto, o que se esperava da ocorrência estabelecida para o gênero reportagem é, de certo modo, modificado quando o autor insere sua opinião diante do que é relatado e, assim, apropria-se de um novo gênero, que é o artigo de opinião. Gêneros esses que não se excluem, mas, sim, hibridizam-se para reforço de uma posição ocupada pelo locutor. Nesse gênero, a percepção de mundo do autor coloca uma carga ideológica na produção do gênero, assim como as marcas da língua que denunciam o tipo textual que aquele gênero se encaixa e modo que a opinião se articula no que tange o discurso do escritor.

Além de todos esses conceitos trabalhados nos parágrafos anteriores, alguns outros pontos devem ser levados em consideração, quando pensamos uma análise de gêneros a partir de um cunho bakhtiniano. Ao ponderarmos sobre questões de ordem metodológica, por exemplo, Rodrigues (2004, p. 432) fala-nos que para Bakhtin “(...) a ordem metodológica para o estudo da língua no âmbito de uma orientação de base sócio-histórica parte da dimensão social para as formas da língua”, ou seja, precisamos estar atentos, de modo inicial, a questões de ordem de produção no âmbito da sociedade para, a partir daí, seguirmos para análises de cunho linguístico e gramatical. De modo claro, devemos partir do social para o estrutural e isso deve ocorrer desta maneira “pois não se pode dissociar o signo da comunicação social” (RODRIGUES, 2004, p. 432).

Ainda sobre a metodologia, Rodrigues explicita uma espécie de passo a passo para o processo de uma análise para Bakhtin. Vejamos a seguir:

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. [estudo das esferas sociais e das situações de interação].
- b) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala [gêneros do discurso] na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal [estudo dos enunciados, em ligação com os seus gêneros, da esfera cotidiana e das ideologias formalizadas].
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (RODRIGUES, 2004, p. 432)

Como visto, primeiro se deve atentar para os estudos da esfera social na qual o determinado gênero a ser analisado é criado. É preciso entender, de maneira aprofundada, esta esfera, o que a constitui, quais os

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

enunciados que ela produz, quais as ideologias nela se fazem presentes e como acontecem as situações de interação entre seus membros constituintes.

Em seguida, examinam-se os enunciados que são produzidos dentro desta esfera, sempre na tentativa de entender quais as relações que se estabelecem entre eles e o gênero produzido, também qual a sua relação com esta esfera específica e quais as ideologias que esses podem reproduzir. Por fim, deve-se partir para os exames da língua enquanto sistema e procurar as interpretações que esses nos dão margem para enxergar.

Ainda relevante é o fato de que, segundo Rodrigues, devemos estar atentos em relação à falsa ideia de que, atentando apenas para a estrutura textual, podemos reconhecer de qual gênero estamos de posse, já que

[...] se o olhar para a dimensão verbal poder ser suficiente para a identificação dos gêneros mais estabilizados, já não o é para aqueles menos estabilizados e ainda para os com finalidades ideológico-discursivas próximas. (RODRIGUES, 2004, p. 435-6)

Com a intercalação que existe entre os gêneros, podemos, com mais facilidade, encontrar marcas de um gênero no interior de outro e, por isso, apenas um olhar voltado para a estrutura não consegue desvendar de qual gênero estamos tratando. Por conseguinte, finalizando esta seção, para tentarmos enxergar tudo que foi até aqui exposto na materialidade de análise escolhida para este artigo, e como forma de facilitar cada vez mais o entendimento sobre como se dá o processo metodológico mencionado antes, trazemos uma breve síntese feita por Rodrigues sobre como devemos proceder em relação à análise de gêneros:

A investigação dos gêneros a partir da teoria bakhtiniana toma o caminho metodológico proposto por Bakhtin como princípio norteador da pesquisa. Por exemplo, na descrição interpretativa do gênero resenha científica, o primeiro passo de pesquisa é analisar o papel da esfera da comunicação científica no conjunto da vida social. O segundo é analisar a situação de interação desse gênero: qual o autor previsto, qual a concepção de interlocutor, qual a sua finalidade ideológico-discursiva, como se dá a sua orientação para o seu objeto do discurso; qual o seu acento de valor? Esses aspectos englobam a análise da dimensão social do gênero. O terceiro passo, articulado aos anteriores, é buscar ver o modo de funcionamento do gênero na sua dimensão verbal. Aquilo que é a regularidade do gênero nessa dimensão, que pode ser mais menos estável e “visível”, vai se construindo durante a análise. (RODRIGUES, 2004, p. 436)

O papel da esfera da comunicação científica no conjunto da vida social deve ser levado em consideração ao analisar a situação de interação do gênero, pois, através do posicionamento do locutor e da concepção

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ção de interlocutor pode-se identificar a finalidade ideológico-discursiva, verificando, assim, como se dá a orientação para o objeto do discurso e qual o seu acento valorativo até chegar no estágio do modo de funcionamento do gênero na sua dimensão verbal e em suas regularidades.

#### **3. O “loiro pivete” em três cenas**

A primeira materialidade jornalística sobre a qual lançaremos nosso olhar analítico foi publicada na seção TAB, do *site* UOL. As reportagens que circulam nessa categoria recebem um tratamento específico mais detalhado, tanto no conteúdo, quanto na estrutura composicional. No caso do texto em análise, há um sincretismo entre os elementos verbais, sonoros e a imagéticos. Fotos e vídeos de homens com o cabelo platinado, especialmente jovens, emolduram a constituição enunciativa da reportagem, coadunando com os enunciados verbais, por meio de um efeito gráfico que simula caixas de texto que somem e aparecem, à medida que movemos o cursor na tela. Na análise de tal construção multissemiótica, valemo-nos de Paula e Luciano (2020), quando os autores postulam uma concepção de linguagem tridimensional que possa articular a dimensão verbal, sonora e imagética.

A reportagem começa situando a emergência do “loiro pivete” nas comunidades periféricas e as diferentes significações assumidas pela descoloração capilar, a depender da cor da pele a origem geográfica do sujeito que exhibe esse tipo de cor no cabelo: “A leitura social do dono dos fios também varia, dependendo de onde mora e de sua cor: os da zona sul são descolados; os do morro são pivetes” (SOUPIN, 2020, [s./p.]).

O locutor da reportagem já pontua a valoração social do cabelo platinado, tendo em vista determinados marcadores sociais que ora o inserem no campo da marginalidade, ora reconhecem a existência de um estilo juvenil descontraído. Essas relações dialógicas perpassam todo o desenrolar da reportagem e colaboram para o que nos diz Volochinóv (2017) acerca do fato de a situação formar o enunciado, emoldurando o modo como se apresenta. Nesse sentido, é a partir de uma rede sócio-histórica que se podem depreender as diferentes significações do cabelo descolorido, quando se leva em conta a existência de práticas racistas e excludentes as quais dividem os sujeitos entre “bons” e “marginais”, “favêlados” e “moradores do asfalto”.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Dando prosseguimento à reportagem, notamos as diferentes significações do “loiro pivete”, mediante a aparição do discurso do outro, expresso de forma direta. Assim, enquanto no salão do bairro de Ipanema, o cabeleireiro, denominado de colorista, afirma que a descoloração dos fios está atrelada a uma tendência sazonal do verão; no bairro da Rocinha, pintar o cabelo de loiro afirma-se como uma marca identitária carregada de significações pejorativas, indesejada por parte dos pais dos rapazes que sentem vontade de exibir os cabelos desse modo. O discurso direto de sujeitos de cada uma dessas espacialidades da cidade acentua tais contrastes. Segundo Mateus Yoshida, morador de Copacabana, a descoloração tem a ver com “a liberdade de expressão” e que “no meu trabalho, cabelos e roupas extrovertidas estão longe de ser um problema”. Já, para Leonardo Carvalho, morador da Rocinha, o cabelo platinado fez com que ele ficasse suscetível a abordagens policiais: “já levei tanta dura da polícia que até perdi as contas”. Ao contrário de Yoshida, as possibilidades de trabalho ofertadas a Carvalho impediam o uso dos fios loiros.

O discurso alheio, no funcionamento da reportagem, evidencia a orientação social incrustada nos signos corporais do cabelo descolorido. Ao trazer o discurso do outro, o locutor assinala os limites de seu dizer e atesta as ideologias que atravessam essa prática social, sob as diferentes vozes de sujeitos que recebem distintas orientações valorativas. Na continuidade da reportagem, tem-se um dado que constata um controle social sobre o uso do cabelo descolorido em áreas periféricas mais tensas, como as que são dominadas por organizações criminosas, como as milícias: “para moradores de áreas de milícia, cabelo tem data certa para ser pintado: festas de fim de ano e a carnaval. No resto do tempo, cabelo tem que ser escuro” (SOUPIN, 2020, [s./p.]). Para corroborar essa constatação, a reportagem cita “(...) No início de 2020, um vídeo flagrou homens jogando *spray* preto no cabelo platinado de jovens de uma comunidade da Zona Oeste do Rio: “Acabou o ano novo! É cabelinho ou bala” (SOUPIN, 2020, [s./p.]).

O poder paramilitar das milícias busca disciplinar (FOUCAULT, 1999) os corpos juvenis, de maneira a normalizá-los num padrão que não aceita o cabelo descolorido. O tratamento violento presente no enunciado do vídeo contrasta fortemente com a liberdade de usar o cabelo platinado pelos jovens de outras áreas da cidade. Isso reforça as díspares significações produzidas para o uso do cabelo descolorido, na esteira de relações sociais, históricas e culturais, numa cadeia enunciativa. De acordo com Bakhtin (2017), na vida histórica, essa cadeia é infinita e cada elo que a

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

comporta renova-se continuamente, como se ressurgisse. No caso do objeto aqui enfocado, subsiste uma partilha de posicionamentos enunciativos em relação à marginalização do “cabelo pivete”, que vai de um imaginário social construído não apenas fora dos bairros periféricos, como pela instituição policial e o poder das milícias. Essa rede enunciativa, portanto, ramifica-se a partir de diferentes nuances.

Na segunda materialidade, publicada no *site* G1 Bahia, os discursos produzidos acerca do “loiro pivete” constroem essa prática como uma tendência relativa ao verão e traz a voz de um sujeito especialista para discorrer como o procedimento capilar deve ser feito. A posição enunciativa reporta o fato, sem entrar em detalhes mais específicos sobre os desdobramentos da descoloração capilar. O título preserva o tom informativo, ao frisar: “‘Loiro pivete’: tendência do verão nas periferias, jovens procuram barbearias para deixar cabelo platinado”. Contrariamente ao tom de denúncia presente na reportagem antes analisada, na notícia do G1, não há qualquer problematização sobre as significações do cabelo platinado: “Na Bahia, os jovens têm buscado as barbearias atrás do platinado dos sonhos” (‘LOIRO PIVETE’..., 2020, [s./p.]). O enunciado concreto constrói uma carga valorativa de distanciamento do dito, pautado na objetividade fria do fato de jovens periféricos procurarem descolorir o cabelo, sem, com isso, apontar para os efeitos advindos dessa prática.

Em seguida, a notícia traz o discurso direto de um dos jovens que frequenta um salão de beleza na cidade de Ilhéus-BA, com o intuito de descolorir o cabelo. O jovem fala especificamente das reações produzidas quando ele esses a mudança na cor dos fios: “Minha mãe deu risada. Falou que eu estava parecendo um velho de cabelo branco. Ela não entendeu muito a moda. No mais, os amigos até curtiram. E até quem não curtia muito achou legal” (‘LOIRO PIVETE’..., 2020, [s./p.]). A constituição desse dizer nos moldes que se apresenta está relacionada à singularidade do enunciado, consoante preconizada por Brait (2016). Ora, é justamente esse caráter único, vinculado a uma situação e a um contexto, que faz desse enunciado singular. Não notamos, nesse discurso, o estigma remetido na reportagem anterior em relação ao cabelo platinado. A significação feita pela mãe do jovem, ao associar a cor do cabelo com velhice, difere da significação que vincula esse tipo de cabelo à marginalidade e à delinquência.

Para finalizar, a notícia apela ao discurso de alerta da cabeleireira Sheila Cavalcante, o qual discorre acerca dos danos desse tipo de procedimento no couro cabeludo: “O cabelo é uma fibra. Quando você tenta

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

fazer um procedimento, que é químico, em casa, você pode ter perda dessa fibra. O cabelo pode ter emborrachamento, pode ficar elástico e quebrar” (‘LOIRO PIVETE’ ..., 2020, [s./p.]). Esse discurso de feições mais especializadas sobre o procedimento da descoloração, produzido por um profissional da área, produz uma significação que esvazia toda a carga social, histórica e cultural que se articula à construção enunciativa do ‘loiro pivete’. Em nenhum momento, o locutor, bem como as vozes que são demandadas na notícia, expressa o estereótipo gerado por esse procedimento capilar nos jovens periféricos. Há um efeito de consenso no uso do ‘loiro pivete’ em toda a notícia, como se não existissem práticas racistas violentas a orbitarem sobre essa questão. A estratégia de apagamento das polêmicas matiza-se por uma ideologia que supõe uma dada objetividade no âmbito do fazer jornalístico, como se a língua fosse homogênea e o enunciado fosse desinteressado.

A seguir, temos a terceira materialidade jornalística: um texto presente numa seção do *site* Mundo Negro, denominada “sem categoria”. Antes, convém lembrar que, na homepage desse portal de notícias, aparecem diversas abas, tais como: últimas notícias; destaque; cultura; cidadão mundo negro; mulher negra hoje; eventos; cinema negro; artigos; carreiras e negócios; celebridades; números digitais; sem categoria; sobre nós; quem somos; fale conosco.

Loiro pivete: amam a cultura preta, mas odeiam gente preta

Há alguns anos atrás o cabelo loiro descolorido era extremamente marginalizado. O motivo? Amplamente utilizado por corpos pretos e periféricos, tanto que recebeu a alcunha de “loiro pivete”.

“Super Sayajin” diziam, entre memes, deboches e enquadros policiais aos indivíduos que adotavam essa estética o cabelo descolorido se projetou e ganhou hype, a moda periférica ganhou o asfalto e ao instagram de grandes influenciadores, artistas e profissionais da moda. De repente, o “loiro pivete” invadiu salões, cresceu no mercado e se tornou objeto de desejo e consumo, virando figura carimbada na classe média alta brasileira.

Nada incomum, aconteceu o mesmo com o “risco” na sobrancelha, a cultura dos paredões, o funk, em tantos exemplos possíveis de se enumerar numa reflexão de cinco minutos...

Já as pessoas pretas, aquelas para quem endereçam os memes e o racismo, continuaram sendo marginalizadas e demonizadas. De novo, nada incomum. (SANTANA, 2020, [s./p.])

Ao longo das reflexões desenvolvidas neste texto, ponderamos que todo enunciado é carregado de significado de significação e ideologia. Assim, na materialidade apresentada, o autor apropria-se de questões

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

culturais e raciais para emoldurar um dado posicionamento, em que diz que o uso do cabelo descolorido por pessoas negras era abordado com “deboches e enquadramento de policiais aos indivíduos que adotavam essa estética o cabelo descolorido se projetou e ganhou hype”, colocando, assim, esses sujeitos em uma visão de marginais.

Desse modo, observa-se a relação do cabelo descolorido com um personagem de desenho infantil que, em certo grau de alcance de energia, fica com o cabelo amarelo, o Super Sayajin, do mangá *Dragon Ball*. O emprego pejorativo desse termo para compará-lo ao “loiro pivete” pode ser entendido como uma tentativa de satirizar o uso dos cabelos descoloridos, quando estes ainda não eram legitimados como estilosos, ou seja, antes das pessoas brancas fazerem esse uso. Se observarmos a esfera social de onde emergem os enunciados, perceberemos que outros enunciados não explicitamente citados são importantes para que o locutor reforce seu posicionamento. Ao dizer que é de praxe que uma prática cultural oriunda das minorias só se torne legítima quando aceita por classes privilegiadas, o locutor defende não ser inédito ou exceção à questão tratada no texto, ou seja, “o loiro pivete”.

Quando pensamos na questão da endereçabilidade do enunciado, vemos que o *site*, ao voltar-se para o exame de questões relacionadas ao movimento negro e à luta por afirmação, constrói representações a respeito dos posicionamentos discursivos dos potenciais leitores para quem esse enunciado se endereça e isso se mostra decisivo para a escolha dos elementos que compõem essa matéria jornalística, notadamente o tom crítico que no texto se revela.

Assim, diferentemente das outras materialidades analisadas, não se trata apenas de situar historicamente ou descrever, de modo detalhado, o processo de descoloração designado pela acunha “loiro pivete”, mas denunciar práticas racistas que marginalizam os corpos pretos que apresentam cabelo descolorido, num processo interativo. De acordo com Brait e Melo (2016), essa interação recobre tanto os elementos verbais e não verbais da interação quanto o contexto histórico maior, corporificados em enunciados que precedem esse enunciado específico, bem como os que são projetados a partir dele.

Seguindo essa lógica, atentamos para o emprego do termo “odiar” no título do texto. Esse verbo denota uma carga valorativa de um ponto de vista que se propõe a mostrar a incorporação de determinadas práticas, surgidas no ambiente da periferia, por setores que, ao fim e ao cabo, mos-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tram-se preconceituosos em relação aos corpos pretos. Além disso, o efeito antitético de “amar” e “odiar” ancora-se em relações dialógicas que nos levam, por exemplo, à hipersexualização dos corpos pretos, os quais, ao mesmo tempo em que despertam desejo, não devem ser inseridos numa lógica de uma relação duradoura, senão alocados no campo do proibido e da sombra. Indo ainda mais longe, no campo enunciativo, flagramos toda sorte de relações sexuais entre os senhores e os escravizados/as, marcados especialmente pela violência.

Outras práticas culturais de matriz africana, como a música e a religião, poderiam ser aqui arroladas, no fito de demonstrar como essa relação de aproximação e distanciamento historicamente se formou. Silva (2018), ao discutir acerca da apropriação cultural, pontua a existência de diversos agentes que disputam a partilha de bens simbólicos. A autora cita o Estado, o mercado e os movimentos de afirmação da negritude como os principais atores que comungam de interesses diversos na produção das representações sociais. No caso do “loiro pivete”, claramente se esmiúça um intenso conflito discursivo a respeito da prática da descoloração. Lado a lado, caminham o racismo estrutural que condena os corpos pretos a partir de um único traço, a estilização de símbolos dessa estética periférica e cooptação pelo mercado e o esvaziamento do caráter singular da prática, quando ressignificado por outros sujeitos noutros contextos. Nesse sentido, é apropriado mencionar o posicionamento de Heleno e Reinhardt, quando expõem:

[...] as questões centrais dizem menos da utilização dos símbolos e mais do esvaziamento dos significados tradicionais daquele bem, e a relação de dominação (colonizador/colonizado, opressor/oprimido) no ‘empréstimo’ de símbolos entre diferentes grupos culturais. (HELENO, REINHARDT, 2017, p. 120)

Ainda da matéria jornalística em análise, é fundamental atentarmos para a relação de reforço e composição que o título, a imagem de jovens como cabelo descolorido e a última frase do texto mantêm entre si. No caso da imagem principalmente, é oportuno destacar que, embora o autor da matéria fale da apropriação que o loiro pivete teve por parte das pessoas brancas, é através de três pessoas de pele preta e cabelos descoloridos que ele se vale para reforçar o seu posicionamento.

Quando pensamos a questão da plasticidade dos gêneros mencionada anteriormente e, fazendo a leitura dessa materialidade, podemos perceber uma forte presença de cunho subjetivo no texto, entendemos que esse, sendo uma matéria jornalística, carrega em si traços caracterís-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tigos de um artigo de opinião. O excerto “já as pessoas pretas, aquelas para quem se endereçavam os memes e o racismo, continuaram sendo marginalizadas e demonizadas. *De novo, nada incomum*” (SANTANA, 2020, grifo nosso) é um exemplo de como o autor se posiciona em tom de crítica ao final de sua fala, algo comum no estilo de um texto de cunho opinativo.

Em suma, é possível concluir que o tratamento conferido ao tema “loiro pivete” em cada uma das materialidades jornalísticas analisadas se encontra interligado com a regulação do gênero discurso a que esses textos pertencem. Apesar de a terceira materialidade não estar explicitamente associada ao um gênero na ecologia de organização do site, podemos inseri-lo, considerando o estilo, o conteúdo e a estrutura composicional, como um artigo de opinião, o qual demanda por parte da instância autoral a defesa de um ponto de vista. Nos demais gêneros, descortina-se o caráter investigativo da reportagem, conforme evidenciada na primeira materialidade, e a descrição mais objetiva de um fato, no caso da segunda materialidade.

#### **4. Considerações finais**

No presente trabalho, o foco foi analisar três materialidades jornalísticas que enunciaram a respeito do “loiro pivete”. A investigação foi guiada pelos pressupostos teóricos de Bakhtin e do Círculo, especialmente no tocante aos conceitos de linguagem, relações dialógicas, enunciado, ideologia e gêneros do discurso. Durante este estudo, foi possível observar que um mesmo tema pode ser abordado sob diferentes cargas valorativas, o que demonstra o caráter dialógico da concepção bakhtiniana de linguagem. Conforme Bakhtin (2011, p. 348), “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.”.

Nesse sentido, a primeira materialidade ensejou uma reflexão sobre o “loiro pivete”, por meio do relato de sujeitos que residem na periferia e em bairros de classe média alta, de modo a explicitar as variadas significações assumidas pelos fios platinados. No entanto, a dimensão autoral dessa materialidade não se engaja de modo direto na constituição de um dado ponto de vista, deixando a cargo do destinatário do texto tirar as suas próprias conclusões. Na segunda materialidade, o tom noticioso do enunciado preocupa-se sobremaneira em descrever o fato de os jovens irem a salões de beleza, com o intuito de desco-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

lorir os cabelos, como se não tivesse qualquer implicação sociocultural nessa prática. A autoria desse enunciado concreto mantém-se distanciada das possíveis problemáticas advindas da descoloração capilar e sustenta a posição de considerá-la como uma tendência do comportamento juvenil. Já a terceira materialidade, ao contrário das demais, assenta firmemente a posição de que a incorporação do “loiro pivete” por classes sociais favorecidas se acompanha do racismo e da discriminação social. Esses índices de adesão do locutor em relação ao conteúdo do enunciado concreto atestam a existência das relações dialógicas, por meio das quais se retomam dizeres já ditos e por dizer e se movimentam por uma heterogeneidade de vozes. Com isso, o tecido da linguagem é continuamente costurado, através de variadas agulhas e múltiplos fios.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*: introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

\_\_\_\_\_. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017. p. 57-79

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas-SP: UNICAMP, 1997. p. 87-98

BRAIT, B. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. O. (Org.). *O texto e seus contextos*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-30.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 61-78.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FARACO, C. A. *Bakhtin e a filosofia*, *Bakhtiniana*, v. 2, n. 12, p. 45-56, São Paulo-SP, maio/ago. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

HELENO, B. L.; REINHARDT, R. M. Apropriação cultural: novas configurações da identidade na era da globalização, *Caderno de estudos sociais e políticos*, v. 7, n. 13, Rio de Janeiro, 2017.

PAULA, L. LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, São Paulo, 2020.

RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. 2, p. 415-40, Tubarão, jan./jun. 2004.

SANTANA, Alexandre. O loiro pivete: Amam a cultura preta, mas odeiam gente preta. *Mundo Negro*, 2020. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/o-loiro-pivete-amam-a-cultura-preta-mas-odeiam-gente-preta/>. Acesso em 25 set. 2020.

SILVA, T. B. *Apropriação cultural e estética negra: práticas discursivas e representações no ciberespaço*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2018. 103f.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, Uberlândia, jul./set. 2016.

SOUPIN, E. *Loiro pivete: criminalizada desde o nome, estética platinada faz a cabeça dos jovens e se consolida na zona sul do Rio*, TAB Uol, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/loiro-pivete.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: 34, 2017.

Outra fonte:

‘LOIRO PIVETE’... tendência do verão nas periferias, jovens procuram barbearia para deixar cabelo platinado, G1, 2020. Disponível em:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/09/loiro-pivete-tendencia-do-verao-nas-periferias-jovens-procuram-barbearias-para-deixar-cabelo-platinado.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2021.